

## **ANSIEDADE EM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19**

### ***ANXIETY IN TECHNICAL INTEGRATED HIGH SCHOOL STUDENTS IN THE CONTEXT OF THE COVID-19 PANDEMIC***

**Weysla Paula de Souza Lopes Dutra, Cledir de Araújo Amaral**

E-mail: weysla.lopes@ifac.edu.br, cledir.amaral@ifac.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre

Artigo submetido em 09/2021 e aceito em 11/2021

#### **Resumo**

O presente estudo visa discutir a ansiedade entre adolescentes no âmbito educacional e no contexto da pandemia de Covid-19. Trata-se de um estudo qualitativo de revisão integrativa a partir de publicações em livros, dissertações e artigos e material técnico disponíveis nas bases de dados SciELO, Google Acadêmico e PubMed. Apresenta-se a complexidade envolvida na fase da adolescência e suas vulnerabilidades, a partir de um olhar que abrange as dimensões que compõem os sujeitos. Esse ser em transição, adolescente, inserido numa modernidade líquida, vulnerável às pressões de toda ordem ao se deparar com o desafio inerente às exigências do processo de formação escolar e profissional, notadamente no ensino médio integrado ofertado pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, é cada vez mais atingido pela ansiedade em sua forma patológica. E esse transtorno ganha ainda mais espaço entre os adolescentes especialmente no contexto da pandemia de Covid-19, impactando negativamente o seu desenvolvimento social, afetivo, familiar e acadêmico. Contudo, a escola que é por natureza uma instituição de formação humana e, em particular, os Institutos Federais, por serem constituídos sob a concepção do trabalho como princípio educativo e formação omnilateral, não podem se furtar de buscar desenvolver medidas educacionais que possibilitem seus estudantes a prevenção e o enfrentamento da ansiedade de modo a garantir seu desenvolvimento e formação plena.

**Palavras-chave:** Adolescentes. Ansiedade. Covid-19. Ensino Médio Integrado. Estudantes.

#### **Abstract**

This study intends to discuss anxiety among adolescents in the educational environment and in the context of the Covid-19 pandemic. This is a qualitative study, typified as integrative review, based on publications in books, dissertations, articles and technical material available in the SciELO, Academic Google and PubMed databases. We introduce the complexity involved in the adolescence phase and its vulnerabilities, based on a perspective that encompasses the dimensions that make up the individuals. This being in transition, adolescent, inserted in a liquid modernity, vulnerable to pressures of all kinds when faced with the challenge inherent to the demands of the

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021

educational and professional training process, especially in the integrated high school offered by the Federal Institutes of Education, Science and Technology, is increasingly hit by anxiety in its pathological form. This disorder has gained even more space among adolescents, especially in the context of the Covid-19 pandemic, thus negatively impacting their social, affective, family and academic development. Nevertheless, the school, which is by nature an institution of human training and, in particular, the Federal Institutes, as they are constituted under the concept of work as an educational principle and omnilateral training, cannot avoid seeking to develop educational measures that enable their students to deal with prevention and confrontation with anxiety in order to ensure their full development and training.

**Keywords:** Adolescents. Anxiety. Covid-19. Integrated High School. Students.

## 1 INTRODUÇÃO

A educação é um direito social expresso em nossa carta magna a qual deve centrar-se em proporcionar a formação integral dos estudantes de modo que estes se desenvolvam nos diversos aspectos da vida humana e não focada estritamente numa formação propedêutica (BRASIL, 1988).

Nesse cenário, visando articular a formação profissional à educação básica e superior numa perspectiva de formação integrada, foi criada a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, ou simplesmente Rede Federal, através da Lei 11.892/2008, possuindo como concepção de constituição a perspectiva da formação omnilateral que busca considerar todas as dimensões que compõem o homem e refletir sobre a importância da escola na formação dos sujeitos possuidores de autonomia crítica (RAMOS, 2014; PACHECO, 2015).

Sob essa perspectiva a educação deve observar as condições objetivas e subjetivas que contribuem para o pleno desenvolvimento, *i.e.*, intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético, dos estudantes (FRIGOTTO, 2012). Por se configurar como um ambiente de convivência e permanência dos estudantes, a escola se estabelece como um lugar de excelência para que se desenvolva as diversas dimensões dos sujeitos. A associação do ensino médio com a formação integral latente na Rede Federal impulsiona o debate entre educação e saúde, possibilitando oportunizar o diálogo entre as áreas através de uma abordagem multidisciplinar e intersetorial (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014; BRITO 2017).

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021

Uma das finalidades da Rede Federal é a oferta mínima de 50% de vagas de educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental (BRASIL, 2008). O Ensino Médio Integrado (EMI) se propõe a associar conhecimentos gerais e específicos correspondentes à formação básica e profissional com base na associação de todas as dimensões da vida no processo educativo, objetivando à formação omnilateral dos sujeitos (BRASIL, 2007).

Os adolescentes, beneficiários desta política educacional, apresentam especificidades em virtude da fase de transição em que se encontram, a princípio sob o enfoque biológico, marcado por mudanças físicas e hormonais. Entretanto, entendemos que a adolescência carece de ser observada sob um enfoque mais amplo, considerando os aspectos sociais, culturais e políticos que afetam seu bem-estar físico e mental e que repercutem sobremaneira no seu desenvolvimento social e acadêmico.

Vivemos na chamada modernidade líquida, conforme intitula Bauman (2001), uma época em que a rigidez das estruturas familiares e do Estado foram deterioradas e a sociedade se tornou individualista, voltada à satisfação imediata. As relações sociais são frágeis e inconstantes. O poder de consumo se transformou no parâmetro de felicidade e conquista jamais satisfeitos. O que permite inferir que tais mudanças na sociedade trouxeram consigo o aumento de problemas de saúde mental na população mundial.

A questão da saúde mental tem sido apontada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como fundamental e determinante para nossa capacidade coletiva e individual de associação e desenvolvimento. O Brasil figura como o país com os maiores índices de ansiedade do mundo (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2017). A Organização Pan-Americana de Saúde estima que até 20% dos adolescentes, entre 10 e 19 anos, sofrem com problemas de saúde mental no mundo todo. Entretanto, seu diagnóstico e tratamento têm sido inadequados. Muitas vezes, os sinais e sintomas são negligenciados pelos profissionais de saúde, de educação e pelos familiares por diversas razões, entre elas a falta de conhecimento e por preconceito (OPAS, 2018).

A ansiedade figura como um mecanismo de defesa em que há a preparação do organismo para enfrentar situações de perigo e todos possuímos algum grau de ansiedade, visto que é uma reação natural. Contudo, a forma

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021 patológica se caracteriza quando os sinais e sintomas de ansiedade ocorrem de forma persistente e duradoura, e podem ser: inquietação, preocupação excessiva, palpitação, respiração acelerada, formigamento, irritabilidade, tensão muscular, entre outros (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014; ANDRADE, 2019).

Tal situação se agrava em decorrência da pandemia de Covid-19 (*coronavirus disease 2019*), instituições como a Organização Mundial de Saúde e a Organização das Nações Unidas vêm apontando para uma crise de saúde mental devido os efeitos da pandemia viral, uma vez que o medo e a incerteza sobre a saúde, os estudos, o trabalho e o sustento da família, associado ao sentimento de luto, aumentam os “níveis de ansiedade e estresse em indivíduos saudáveis e intensifica os sintomas daqueles com transtornos psiquiátricos pré-existent” (ORNELL, 2020) e os adolescentes fazem parte desse grupo em risco.

Cabe ressaltar que a Educação Profissional e Tecnológica oferecida pela Rede Federal possui objetivos, finalidades e exigências bem diferentes de outras de instituições de ensino, inclusive por apresentar um currículo diverso das demais escolas que não ofertam ensino técnico integrado ao ensino médio (MARTINS; CUNHA 2021).

Desta forma, o objetivo deste artigo é discutir a ansiedade entre adolescentes no âmbito educacional e no contexto da pandemia de Covid-19.

## 2 METODOLOGIA

O método utilizado refere-se a uma pesquisa bibliográfica no intuito de constituir uma revisão narrativa sobre a ansiedade em estudantes do ensino médio, especificamente nos estudantes do ensino médio integrado ao técnico considerando o contexto da pandemia de Covid-19.

A pesquisa foi realizada em livros, dissertações e artigos científicos. Estes buscados nas plataformas de buscas de dados: SciELO, Google Acadêmico, PubMed/Medline e TEDE (Capes). Utilizando os descritores em português e seu congêneres em inglês, conforme exposto a seguir: “ansiedade”, “*anxiety*”, “ansiedade em adolescentes”, “*anxiety in teenagers*”, “ansiedade em estudantes do ensino médio”, “ansiedade em estudantes do ensino médio integrado”, “Covid-19 e ansiedade”.

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021

Das publicações encontradas promoveu-se a exclusão daquelas que tratavam sobre ansiedade com foco em questões como: gravidez, câncer, doenças cardíacas, obesidade, entre outros, as quais apesar de serem fatores ansiogênicos, inclusive entre adolescentes, não estavam, à princípio, diretamente relacionados ao escopo do presente estudo. Também não foram considerados trabalhos relacionados com ansiedade durante a realização de procedimentos médicos e/ou odontológicos, bem como, aqueles estudos com cobaias.

Buscou-se considerar estudos dos últimos cinco anos, embora tenham sido utilizados publicações anteriores quando se tratava de autores renomados e referenciados em publicações recentes, bem como, quando os dados/informações eram relevantes e não foram localizadas atualizações.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 A ADOLESCÊNCIA COMO FASE DE TRANSIÇÃO

O vocábulo adolescência vem do latim *adolescens*, *adolescere* que significa crescer, em contraste com *adultus* que denota o fato de estar crescido. Entretanto, sua definição atualmente é complexa e envolve muito mais que definição de faixa etária, mudanças corporais e delineamento de atribuições ou status, estando mais associada a questões sociais e culturais (BRETON, 2017).

No que tange à utilização do termo adolescente, o principal marco teórico reside sob Philippe Ariès (1981), o qual afirma que a infância, durante a Idade Média, era reduzida ao período mais frágil da criança, assim que ela alcançava alguma capacidade física já era introduzida ao mundo dos adultos tornando-se um adulto jovem, sem a passagem pela adolescência. A ocorrência de dois fenômenos foi determinante: o primeiro se refere à separação das idades na escola, dessa forma, a criança deixou de ser misturada com os adultos; e o segundo fenômeno, refere-se ao surgimento da afetividade das relações familiares, ocasião em que a família passou a se organizar em torno da criança.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera a adolescência o período compreendido entre os 10 e os 19 anos, ao passo que a Organização

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021 das Nações Unidas (ONU) declara o intervalo entre 15 e 24 anos (ESTRELA, 2018).

No Brasil, o sistema jurídico estabelece que os adolescentes são compreendidos na faixa etária entre 12 e 18 anos, conforme a Lei nº 8.069/1990 que estabeleceu o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Já a Lei nº 12.582/2013, que institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e sobre o Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve), prevê que os jovens são as pessoas com idade entre 15 e 29 anos de idade.

Apesar de muitas vezes serem utilizados como sinônimos, os conceitos referentes a adolescente e jovem são complexos e variam de acordo com a área de conhecimento que as debatem. Breton (2017), pontua que o termo adolescência inicialmente estava ligado à medicina e à psicologia, devido às questões da puberdade. E juventude era referenciada pela área da sociologia.

A adolescência é uma fase marcada por várias mudanças físicas, cognitivas e psicossociais, sendo que do ponto de vista biológico o adolescente passa pela maturação sexual. Neurologicamente há diversas mudanças no desenvolvimento neural que afetam as emoções, autocontrole e julgamento. No quesito psicossocial, o sujeito atravessa questões como formação da identidade, desenvolvimento do autoconceito, autoestima, dentre outros (SOUZA, 2020).

Em contraposição à visão naturalista, Calligaris (2000) afirma que a adolescência é uma fase de moratória, ou seja, um tempo de suspensão entre a infância e a vida adulta, considerando que o sujeito já se encontra capaz, instruído e treinado pela escola, família e mídia e o seu corpo já está pronto.

Sob a perspectiva sócio-histórica da Psicologia, Bock (2007, p. 75) compreende a adolescência como sendo um “período do desenvolvimento com suas características constituídas nas relações sociais e nas formas de produção da sobrevivência”, sendo essa visão adotada no presente estudo, uma vez que consideramos as relações sociais, o contexto histórico, os valores e as condições de vida dos estudantes.

O conceito de juventude, atribuído por Pais (1990), concerne a uma fase de vida, sendo uma categoria socialmente constituída, elaborada a partir de contextos sociais, econômicos e políticos, inclusive o autor destaca que existem

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021  
juventudes ou invés de uma única juventude que variam de acordo com a localidade e o tempo.

Nesse sentido, Dayrell (2003) fala que a juventude pode ser vista de quatro maneiras distintas. A primeira se refere a uma situação de transitoriedade, um “vir a ser”; a segunda reporta-se a uma visão romantizada, na qual a juventude seria um sinônimo de liberdade, prazer e de experimentações; a terceira vê o jovem abreviado somente a questão cultural; e a última vê a fase como um momento de crise, de distanciamento da família.

Conforme Moreira, Rosário e Santos (2011) o conceito na atualidade é um paradoxo, uma vez que a sociedade faz um convite à juventude eterna. Nessa vertente, Enne (2010) elucida a juventude como “espírito do tempo” e “estilo de vida” associando ambas à ideia de modernidade, momento no qual está se substituindo a sociedade industrial com foco em uma cultura do consumo.

A Modernidade Líquida intitulada por Bauman (2001) em referência ao momento atual da era moderna, busca representar o enfraquecimento das estruturas sociais, políticas e culturais, tidas historicamente como sólidas e rígidas. Além disso, o consumo exacerbado passou a ser parâmetro de felicidade, dignidade humana e vida bem-sucedida, nesse contexto as relações tornaram-se fragilizadas e a individualidade é um fenômeno em expansão.

Devido às diversas transformações vivenciadas pelo adolescente é comum surgir o sentimento de estranheza sobre si próprio, inquietação e insegurança, o que torna comum a manifestação da ansiedade (SOUZA, 2020).

### 3.2 ANSIEDADE: SINTOMATOLOGIA E PREVALÊNCIA

A Associação de Psiquiatria Americana (APA) organizou e produziu o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM–V) que caracteriza os transtornos de ansiedade como “medo e ansiedade excessivos e perturbações comportamentais relacionados. *Medo* é a resposta emocional a ameaça iminente real ou percebida, enquanto *ansiedade* é a antecipação de ameaça futura” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Há diversas teorias que buscam entender a ansiedade, tais como teorias fisiológicas, psicológicas (psicanalíticas, fenomenológicas, comportamentais,

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021 cognitivas), que apesar de apresentarem definições e causas que diferem manifestam como fato comum a ideia de que se trata de uma emoção normal e associada com a existência humana (ESTRELA, 2018).

Silva (2011) estabelece que há uma parceria indissociável entre medo e ansiedade e que ambos desempenham uma função primordial de defesa perante algum perigo ou ameaça eminente. O medo é uma emoção inata herança de nossos ancestrais que o desenvolveram como forma de proteção, uma vez que, tal sensação produz em nosso corpo uma carga de adrenalina que permite uma rápida reação física extremamente necessária para a sobrevivência. Contudo, é necessário que haja equilíbrio nessa “dose” de medo e ansiedade.

Para Silva Filho e Silva (2013) ansiedade é definida como sendo:

[...] estado de humor desagradável, apreensão negativa em relação ao futuro e inquietação desconfortável; inclui manifestações somáticas (cefaleia, dispneia, taquicardia, tremores, vertigem, sudorese, parestesias, náuseas, diarreia etc.) e psíquicas (inquietação interna, insegurança, insônia, irritabilidade, desconforto mental, dificuldade para se concentrar etc.). É uma resposta a uma ameaça desconhecida, interna, vaga e conflituosa (SILVA FILHO; SILVA, 2013, p.32).

A autora Silva (2011) afirma que as sensações envolvidas quando sentimos o medo “normal” são semelhantes ao do medo patológico, ou seja, taquicardia, sudorese, respiração acelerada, tremores, boca seca, a sua diferenciação está na persistência e duração dos eventos. Menciona ainda que há espectros do transtorno de ansiedade que variam no grau, intensidade e forma em que se manifestam, além de possuírem tendência a serem altamente comórbidos entre si.

Deve-se ponderar quando as reações de ansiedade passam a ser excessivas, intensas e recorrentes, passando a afetar o cotidiano do indivíduo, o que pode ser um indicativo de que a ansiedade “normal” está se tornando patológica (MARTINS; CUNHA 2021).

Os principais quadros de transtorno de ansiedade identificados no DSM-V, são:



Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021

- transtorno de ansiedade generalizada: ansiedade e preocupação excessivas, ocorrendo na maioria dos dias por um período de 6 meses. O indivíduo considera difícil controlar a preocupação e apresenta sinais e sintomas como: inquietação, fadiga, dificuldade de concentrar-se, irritabilidade, tensão muscular, perturbação do sono.
- agorafobia: o indivíduo se sente apreensivo perante duas ou mais situações como: usar o transporte público, permanecer em locais abertos ou fechados, ficar em filas ou em meio a uma multidão, estar fora de casa desacompanhado. Há o temor de que pode ser difícil escapar ou de que pode não haver auxílio disponível em caso de sintomas de pânico, incapacitantes ou constrangedores.
- fobia social: medo ou ansiedade excessivos e persistentes diante de situações sociais em que o indivíduo se encontra exposto a possível avaliação por outras pessoas, tais como em interações sociais. O indivíduo possui medo ser avaliado negativamente.
- fobia específica: medo ou ansiedade acentuados associados a um objeto ou situação específica que provoca uma resposta imediata desproporcional em relação ao perigo real. O indivíduo passa a evitar ativamente a situação ou objeto que causa a reação.
- mutismo seletivo: apresenta-se no fracasso persistente para falar em situações específicas quando existe a expectativa para tal. Tal situação interfere na dimensão educacional e profissional. A sua prevalência está geralmente associada às crianças.
- transtorno de ansiedade de separação: refere-se ao medo ou a ansiedade excessiva envolvendo a separação das figuras de apego (como familiares), o sujeito teme a ocorrência de dano, perda ou morte das figuras de apego, ocorrendo relutância em se afastar delas, além de pesadelos e sintomas físicos de sofrimento. Geralmente ocorre em crianças.
- transtorno de pânico: caracterizado pela ocorrência de ataques de pânico, o qual apresenta um surto abrupto de medo e desconforto intenso acompanhado de sintomas como palpitações, sudorese, tremores, falta de ar ou sufocamento, náuseas, tontura, calafrios, parestesias, medo de morrer, entre outros.

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021

- transtorno ansioso induzido por substância/medicamento: sintomas de pânico ou ansiedade decorrente do uso de substâncias. Os sintomas tendem a melhorar ou ter remissão depois que o uso da substância é descontinuado.
- transtorno de ansiedade devido a outra condição médica: a ansiedade é clinicamente explicada devido um efeito fisiológico decorrente de outra condição médica associada a evidências com base no histórico do paciente, exame físico ou achados laboratoriais.
- transtorno de ansiedade especificado: quando a ansiedade causa sofrimento significativo ou prejuízo na dimensão social, mas não satisfaz a todos os critérios de diagnóstico estabelecido para os outros espectros. Nesse caso o clínico opta por comunicar a razão específica que não satisfaz os critérios.
- transtorno de ansiedade não especificado: quando a ansiedade causa sofrimento significativo ou prejuízo na dimensão social, mas não satisfaz a todos os critérios de diagnóstico estabelecido para os outros espectros. Nesse caso o clínico opta por não comunicar a razão específica que não satisfaz os critérios.

Outro manual utilizado mundialmente para a classificação de doenças em geral é a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10), onde os transtornos fóbico-ansiosos abrangem: agorafobia, fobias sociais, fobias específicas, transtorno fóbico-ansioso não especificado, transtorno de pânico (ansiedade paroxística episódica), ansiedade generalizada, transtorno misto ansioso e depressivo, transtornos ansiosos especificados (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2012).

Lembrando que a atualização da CID-11, foi apresentada oficialmente em maio de 2019 para vigência a partir de 1 de janeiro de 2022. O novo manual traz alteração na nomenclatura principal da classificação que passa a ser “ansiedade ou dos distúrbios relacionados ao medo” e sua composição tornou-se mais aproximada ao DSM-V (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2019), conforme quadro comparativo abaixo:

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021

**Tabela 1:** Comparação entre as denominações de ansiedade utilizadas no DSM-V e no CID-11

Tipologia segundo os manuais	
DSM-V – Transtornos de ansiedade	CID-11 – Ansiedade e transtornos relacionados ao medo
Transtorno de ansiedade de separação	Transtorno de ansiedade de separação
Mutismo seletivo	Mutismo seletivo
Fobia específica	Fobia específica
Transtorno de ansiedade social (Fobia social)	Transtorno de ansiedade social
Transtorno de pânico	Síndrome do pânico
Agorafobia	Agorafobia
Transtorno de ansiedade generalizada	Transtorno de ansiedade generalizada
Transtorno de ansiedade induzido por substância/medicamento	Transtorno de ansiedade induzido por substância
Transtorno de ansiedade devido a outra condição médica	Síndrome de ansiedade secundária
Outro transtorno de ansiedade especificado	Outros transtornos específicos relacionados à ansiedade ou ao medo
Transtorno de ansiedade não especificado	Ansiedade ou transtornos relacionados ao medo, não especificados
-	Hipocondria

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

A etiologia dos transtornos de ansiedade é complexa e multifatorial, com interação entre fatores psicológicos, biológicos e ambientais, podendo ser possível citar o desequilíbrio fisiológico, fatores genéticos, predisposição familiar, relacionamento familiar e estilo de criação, situações de tensão emocional, experiências vivenciadas e crenças pessoais (SILVA JÚNIOR, 2010; SILVA, 2011; TEIXEIRA, 2019).

A OMS apontou o Brasil como o país com maior índice de pessoas com ansiedade no mundo, destaca que a metade dos casos de transtornos mentais surgem até os 14 anos e a maioria não são detectadas ou tratadas (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2017). Também, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) estima que entre 10 e 20% dos adolescentes apresentam algum problema de saúde mental e que a ansiedade é a 8ª causa de incapacidade entre os adolescentes (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2019).

Tais dados refletem a importância de se ponderar sobre a saúde mental dos adolescentes. Segundo Zacarias e cols. (2020) os transtornos de ansiedade são mais frequentes entre as doenças mentais, com prevalência de 17 a 30%. Na adolescência a prevalência varia entre 15 a 20%.

O Estudo de Riscos Cardiovasculares em Adolescentes (Erica) realizado entre 2013 e 2014, foi o primeiro estudo epidemiológico nacional que avaliou

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021 dados de morbidades mentais entre adolescentes com idade de 12 a 17 anos, de escolas públicas e privadas, em municípios com mais de 100 mil habitantes. Dentre seus achados, é possível observar a prevalência geral de 30% de adolescentes com o chamado Transtorno Mental Comum (TMC), ou seja, a associação de sintomas de depressão e ansiedade. Observa-se também a maior prevalência entre meninas (de 15 a 17 anos) de escolas privadas da região norte, seguidas por alunas de escolas públicas da mesma região, com os percentuais apontando 53,1% e 44,9%, respectivamente (LOPES et al., 2016).

As comorbidades entre os transtornos de ansiedade são muito recorrentes, bem como, sua associação com outros transtornos psiquiátricos como a depressão. Estima-se que 25 a 50% dos jovens deprimidos apresentam transtorno de ansiedade associado, e que de 10 a 15% dos jovens ansiosos, manifestam depressão. Avalia-se que 40 a 60% das crianças ansiosas possuem diagnósticos para mais de um transtorno ansioso. Cerca de metade das crianças e adolescentes que apresentam ansiedade de separação ou ansiedade generalizada possuem pelo menos outro transtorno de ansiedade associado. (SILVA JÚNIOR, 2010).

Ainda de acordo com o DSM-V, muitos dos transtornos de ansiedade se desenvolvem na infância e tendem a persistir se não forem tratados (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Chama-nos a atenção o postulado por Estanislau e Bressan (2014) de que os jovens com transtornos mentais apresentam com mais frequência dificuldades no rendimento escolar, maior incidência de evasão e envolvimento com problemas legais.

### 3.3 ANSIEDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

A escola se apresenta como um lugar estratégico para o desenvolvimento de políticas de prevenção e promoção da saúde, uma vez que é um lugar de construção e difusão do conhecimento, bem como, é o lugar onde a maioria dos jovens passam grande parte do seu tempo.

Nesse cenário, os profissionais em educação possuem um importante papel na difusão de orientações em saúde, visando construir com os estudantes uma postura ativa e autônoma para a prevenção e promoção da saúde mental, além de atuar no auxílio/observação de sinais e sintomas de possíveis

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021 transtornos, ponderando que não se espera que tais profissionais sejam responsáveis pelo diagnóstico (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014). Ou seja, a atuação dos educadores se daria no campo educacional para o enfrentamento desses agravos à saúde, somando-se às estratégias de saúde pública apropriadas.

Além das questões já citadas que envolvem todo o processo de adolescência, é importante refletir que a escola pode se transformar um ambiente ansiogênico considerando as cobranças que envolvem: relações interpessoais, provas e avaliações, questões de rendimento entre outras situações (MARTINS; CUNHA, 2021).

A percepção dos estudantes do ambiente escolar também pode figurar como um fator de risco ou de proteção para a saúde, uma vez que a percepção positiva está associada ao engajamento e à melhora no desempenho acadêmico. Por outro lado, a percepção negativa está relacionada ao risco elevado de sintomas de ansiedade e depressão, consumo de substâncias e fatores de abandono e desistência da escola (MALTONI, 2017).

Concebidos sob a perspectiva da omnilateralidade, do trabalho como princípio educativo e da politecnicidade, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, criados através da Lei nº 11892/2008, ofertam o ensino médio integrado, que busca articular formação geral e profissional, almejando possibilitar o aprendizado técnico-científico e cultural e superar a dualidade entre formação manual e formação intelectual (RAMOS, 2017).

No documento intitulado Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia: um novo modelo de educação profissional e tecnológica, lançado pelo Ministério da Educação, em 2010, revalida-se a concepção de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) para formar “cidadãos-trabalhadores emancipados” (BRASIL, 2010, p. 14), além disso,

[...] orienta os processos de formação com base nas premissas da integração e da articulação entre ciência, tecnologia, cultura e conhecimentos específicos e do desenvolvimento da capacidade de investigação científica como dimensões essenciais à manutenção da autonomia e dos saberes necessários ao permanente exercício da laboralidade [...] (BRASIL, 2010, p. 6).

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021

O Ensino Médio Integrado (EMI) ofertado pelos Institutos Federais possui algumas características particulares, tais como: formação para o exercício profissional, número maior de componentes curriculares, carga horária elevada, corpo docente com titulação elevada. Embasando-se em Pacheco (2019), algumas dificuldades enfrentadas pelos estudantes do ensino médio integrado dizem respeito às dificuldades de adaptação que envolvem a nova instituição, no caso dos ingressantes, a alta demanda de estudo, rotina e as responsabilidades exigidas pelo currículo integrado; o relacionamento interpessoal, seja na relação aluno com aluno, aluno com professores; questões de autoestima e insatisfação com as escolhas, sejam estas associadas com escolha do curso ou da instituição.

Em pesquisa realizada em 2019, entre 257 estudantes de Cursos Técnicos Integrado ao Ensino Médio de uma instituição do Sul de Minas Gerais, foi observada a prevalência de ansiedade de 46%, entre o sexo feminino, enquanto o sexo masculino atingiu 38%. As análises centraram-se por série escolar (1º, 2º e 3º anos) e houve pouca variação nas prevalências de ansiedade (38%, 39% e 40%, respectivamente), demonstrando que apesar dos agentes estressores serem potencialmente diferentes entre um ano escolar e outro, o índice de ansiedade atinge as turmas de forma semelhante (MARTINS; CUNHA, 2021).

Vale ponderar que a Rede Federal de Educação Profissional possui conforme previsto pela Lei 11.091/2005 profissionais como: pedagogos, assistentes sociais, técnicos em assuntos educacionais e psicólogos, que forma uma equipe multiprofissional que pode auxiliar, juntamente com o quadro docente, na promoção da saúde dos estudantes.

Portanto, é imprescindível que a unidade escolar repense sua forma de atuação e suas concepções e implemente políticas de atenção à saúde mental dos estudantes, inclusive vinculadas às políticas públicas de saúde e a rede de atenção básica.

#### 3.4 A PANDEMIA DE COVID-19 E SEU IMPACTO SOBRE A SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021

Os transtornos de ansiedade e outros transtornos mentais tendem a aumentar tanto a sua incidência como o seu agravamento em situações de grave ameaça à vida humana, como a que o mundo vem enfrentando diante da pandemia decorrente do novo coronavírus (Covid-19). Essa doença que levou cerca de três meses entre os primeiros casos ocorridos em dezembro de 2019, na China, até sua classificação como uma doença pandêmica em março de 2020, pela OMS, causando mudanças abruptas e violentas na rotina da população mundial. E nesse pequeno intervalo de tempo todos passaram a experimentar duras medidas de distanciamento e isolamento social, perda de milhares de vidas humanas, além de sofrer com os impactos econômicos e políticos decorrentes.

No Brasil, o primeiro caso de Covid-19 foi registrado em fevereiro e a primeira morte no mês de março de 2020, mês em que medidas restritivas começaram a ser implantadas, como suspensão ou restrição na prestação de serviços públicos e privados, fechamento de espaços de acesso público e escolas. Até o dia 30 do mês de setembro de 2021, mais de 21.399.546 brasileiros foram oficialmente acometidos pelo vírus, sendo registrado quase 600 mil mortes (BRASIL, 2021).

Em artigo de revisão realizado por Jungmann (2020) observa-se que estudos realizados sobre epidemias e pandemias anteriores como a gripe aviária (2006), a H1N1 (2009/2010) e o Ebola (2014/2016), demonstram que o nível de ansiedade e angústia com a saúde e a segurança tornam-se comuns. Outros estudos apresentados pelo autor, demonstram que na China, durante a pandemia de Covid-19, 25 a 35% dos entrevistados (estudantes e população em geral) sofreram de sintomas de ansiedade ou estresse.

Além do impacto social, econômico e político causado pelas pandemias, o medo e a incerteza sobre a saúde, o efeito e a duração da quarentena, informações inadequadas, a continuidade dos estudos, a manutenção e as condições de trabalho, o sustento da família ou a redução de rendimentos, associado ao sentimento de luto, aumentam os “níveis de ansiedade e estresse em indivíduos saudáveis e intensifica os sintomas daqueles com transtornos psiquiátricos pré-existent” (MAIA, 2020; ORNELL, 2020).

Com base nos efeitos da nova doença, do isolamento e da suspensão das aulas, estudos realizados objetivando analisar as dificuldades, adaptação e

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021 estados emocionais dos estudantes, principalmente universitários ao redor do mundo, atestam o aumento considerável dos níveis de ansiedade entre os alunos (AKDENIZ et al., 2020; ARDAN, 2020; PRAGHOLAPATI, 2020; WANG et al., 2020).

É o que também se observou numa pesquisa realizada com 113 adolescentes em Cuba, que constatou 46,9% de alto nível de ansiedade considerando o contexto da pandemia entre os adolescentes investigados (MOLINA et al., 2021).

Desta forma, as consequências da pandemia de COVID-19 vão além dos fatores sociais e financeiros, como são observadas nas pesquisas citadas. A ansiedade patológica, em condições pré-pandêmicas já apresentava alta incidência entre os adolescentes, considerando as características da fase que estão passando, associada com diversos fatores sociais e culturais. O contexto atual traz consigo a necessidade de um olhar sobre os jovens através do desenvolvimento de novas pesquisas que possam contribuir com o enfrentamento e a mitigação desta problemática.

#### **4 CONCLUSÕES**

O presente estudo reuniu importantes questões sobre a complexidade que envolve a adolescência, enquanto processo de transição e que se deve sempre considerar que essa fase não permeia apenas fatores biológicos, mas também está envolta em fatores histórico-sociais e culturais que vão impactar o sujeito de forma direta e indireta.

Apesar da ansiedade ser um componente natural dos humanos, a sua alteração em ansiedade patológica é extremamente prevalente entre a população mundial, em especial, entre os brasileiros, situação que serve de alerta para que sejam implementadas políticas de prevenção e promoção da saúde mental à população em geral e, em particular aos adolescentes, principalmente, no contexto escolar que busquem também articular de forma intersetorial a rede de saúde pública, bem como, parcerias público-privadas.

Nessa perspectiva, a escola é um espaço privilegiado para articular educação e saúde visando o desenvolvimento dos estudantes em todas as suas dimensões. Para tanto, é necessário que as instituições de ensino atentem para



Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021 a necessidade de investimentos em formação continuada do seu corpo de educadores (docentes e técnicos) e em ações e programas educacionais para a adequada compreensão do fenômeno da ansiedade, a fim de contribuir para a prevenção e o seu enfrentamento de maneira assertiva, uma vez que a própria escola pode ser em um ambiente causador de ansiedade.

Contudo, a suspensão das aulas presenciais, a redução do contato com os amigos e da manutenção das relações sociais estabelecidas na escola, bem como a interrupção e adaptação dos processos formativos, dos projetos e sonhos profissionais, aliado à vulnerabilidade emocional a que estão expostos os adolescentes, circunstancialmente devido à pandemia de Covid-19, podem levar a quadros ansiosos patológicos prejudicando o seu desenvolvimento pleno. E, também, frente a esse cenário pandêmico e de ansiedade a escola deve estar preparada.

Considerando que são incipientes as pesquisas sobre a ansiedade com foco nos estudantes do ensino médio, notadamente com aqueles do ensino médio integrado ofertado pelos Institutos Federais. Sendo, ainda, mais escassa a produção do conhecimento sobre a ansiedade no contexto da pandemia de Covid-19 com esse público, os estudos existentes revelam importante aumento da ansiedade e de outros transtornos mentais decorrentes das incertezas e traumas relacionados à pandemia, imputando a necessidade da realização de novos estudos com o foco na ansiedade entre adolescentes do ensino médio integrado no contexto da pandemia de Covid-19.

Portanto, a realização de estudos aplicados com enfoque em ações educacionais com base na realidade local em muito podem contribuir para a prevenção e enfrentamento da ansiedade entre escolares adolescentes e, conseqüentemente, para com a sua formação.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.

AKDENIZ, G. *et al.* A Survey of Attitudes, Anxiety Status, and Protective Behaviors of the University Students During the COVID-19 Outbreak in Turkey. **Front Psychiatry**. v.11: 695, 2020. Disponível em:

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7373786/>. Acesso em: 09 ago. 2020.

ANDRADE, J. V. *et al.* Ansiedade: um dos problemas do século XXI. Revista de Saúde ReAGES, v. 2, n. 4, p. 34-39, 2019. Disponível em: <http://npu.faculdadeages.com.br/index.php/revistadesaude/article/view/220>. Acesso em: 22 nov. 2019.

ARDAN, M.; RAHMAN, F.F.; GERODA, G.B.. The influence of physical distance to student anxiety on COVID-19, Indonesia. **Journal of Critical Reviews**, v.7, n.17, p.1126-32, 2020. Disponível em: <http://www.jcreview.com/?mno=26200>. Acesso em 09 ago. 2020.

ARIÈS, P. Prefácio. In: **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. p. 09-22.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República**, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 09 jan. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm). Acesso em 09 de jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento\\_base.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf). Acesso em: 08 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia: um novo modelo de educação profissional e tecnológica**. Brasília: Ministério da Educação, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6691-if-concepcaoediretrizes&category\\_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6691-if-concepcaoediretrizes&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192) Acesso em: 19 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Coronavírus Brasil**. 2021. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 30 set. 2021.

BRETON, D.L. **Uma breve história da adolescência**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

BRITO, D.D.S. A escola como um espaço de construção para a promoção da saúde mental: um relato de experiência. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M.P.R. (Orgs). **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. 1ª

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021

ed., vol. 4, Teresina: EDUFPI, 2017. p. 155-166. Disponível em:  
<https://www.ufpi.br/e-book-edufpi>. Acesso em 08 jun. 2020.

BOCK, A.M.B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 2, n. 1, p. 63-76, jan./jun. 2007. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a07](http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a07). Acesso em: 15 ago. 2020.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p.40-52, 2003. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2020.

ENNE, A.L. Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 7, n. 20, p. 13-35, 2011. Disponível em:  
<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/203>. Acesso em: 11 maio de 2020.

ESTANISLAU, G.M.; BRESSAN, R.A. (orgs). **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ESTRELA, M.P.C.C. **As expressões vivenciais e comportamentais da ansiedade em adolescentes: fatores psicossociais associados ao risco e à proteção face à psicopatologia**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, 2018. Disponível em:  
<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/37317>. Acesso em 19 out. 2021.

FRIGOTTO, G. Educação Omnilateral. In: CALDART, Roseli Salette. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. Disponível em:  
<http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf>. Acesso em: 06 out 2019.

JUNGMANN, S. M.; WITTHÖFT, M. Health anxiety, cyberchondria, and coping in the current COVID-19 pandemic: Which factors are related to coronavirus anxiety? **Journal of Anxiety Disorders**, v.73, 102239, jun, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2020.102239>. Acesso em: 08 ago. 2020.

LOPES, C. S. *et al.* Erica: prevalência de transtornos mentais comuns em adolescentes brasileiros. São Paulo: **Rev. Saúde Pública**, v.50, supp. 1, fev., 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S01518-8787.2016050006690>. Acesso em: 08 ago. 2020.

MAIA, B.R.; DIAS, P.C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 37, e200067, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067> . Acesso em 08 ago. 2020

MALTONI, J. N. **Indicadores e comportamentos de saúde em adolescentes de 13 anos de Ribeirão Preto**. Dissertação (Mestrado em Psicologia em Saúde e Desenvolvimento. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021

Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-07032018-145609/pt-br.php>. Acesso em: 14 ago. 2020.

MARTINS, C.M.S.; CUNHA, N.B. Ansiedade na adolescência: o ensino médio integrado em foco. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 5, n. 1, p.41-61, 2021. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/832>. Acesso em: 19 ago. 2021.

MOLINA, J.A. *et al.* Transtornos psiquiátricos em adolescentes durante a situação epidemiológica causada pelo COVID-19. **Multimed**, Granma, v.25, n.3, e2146, jun. 2021. Disponível em: [http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1028-48182021000300006&lng=es&nrm=iso](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1028-48182021000300006&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 26 set. 2021.

MOREIRA, J.O.; ROSÁRIO, A.B.; SANTOS, A.P. Juventude e adolescência: considerações preliminares. **Psico**, v.42, n.4, p.457-464, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8943>. Acesso em: 14 ago. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10a ed. São Paulo: Editora da USP, 2012.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa. Saúde mental dos adolescentes**. OPAS/OMS, 2018. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>. Acesso em: 20 nov. 2019.

ORNELL, F. *et al.* “Medo pandêmico” e COVID-19: ônus e estratégias de saúde mental. **Braz. J. Psychiatry**, São Paulo, v.42, n.3, p.232-35, junho, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>. Acesso em 10 de junho de 2020.

PACHECO, E. **Fundamentos político-pedagógicos dos Institutos Federais diretrizes para uma educação profissional e tecnológica transformadora**. Natal: IFRN, 2015.

PACHECO, F.A. **Saúde mental e o contexto escolar: percepções de um estudo de caso na educação profissional**. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal Farroupilha. Jaguarí, RS, 2019. Disponível em: <https://www.iffarroupilha.edu.br/produtos-profept>. Acesso em: 09 jan. 2020.

PAIS, J.M. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, v.25, n.105-6, p.139-165, 1990.

PRAGHOLAPATI, A. COVID-19 impact on students. **EdArXiv**, 2020. Disponível em: <https://edarxiv.org/895ed/>. Acesso em: 09 ago. 2020.

RAMOS, M.N. **História e política da educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. (Coleção formação pedagógica; v. 5).

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, v. 2, n. Edição especial VI Conc&t, 2021

RAMOS, M.N. Ensino Médio Integrado: Lutas Históricas e Resistências em Tempos de Regressão. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 1, n. 1, p. 27-49, 2017. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/356>. Acesso em: 24 ago. 2021.

SILVA, A. B. B. **Mentes ansiosas**: medo e ansiedade além dos limites. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SILVA FILHO, O.C.; SILVA, M.P. **Transtornos de ansiedade em adolescentes**: considerações para a pediatria e hebiatria. 2013. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/8411>. Acesso em: 21 nov. 2019.

SILVA JÚNIOR, E.A. **Comorbidades psiquiátricas associadas com transtornos de ansiedade em uma amostra de crianças e adolescentes**. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria). Faculdade de Medicina. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/30940>. Acesso em: 08 ago. 2020.

SOUZA, C. M. **Ansiedade e desempenho escolar no ensino médio integrado**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Vale do Sapucaí. Pouso Alegre: Univás, 2020. Disponível em: <http://www.univas.edu.br/me/docs/dissertacoes2/169.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

TEIXEIRA, G. **Manual dos transtornos escolares**: entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola. 10. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2019.

WANG, C. *et al.* Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 Coronavirus Disease (COVID-19) epidemic among the general population in China. **International Journal of Environmental Research and Public Health**. 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7084952/>. Acesso em: 09 ago. 2020

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Depression and Other Common Mental Disorders: global health estimates**. Geneva: World Health Organization, 2017. Disponível em: [http://www.who.int/mental\\_health/management/depression/prevalence\\_global\\_health\\_estimates/en/](http://www.who.int/mental_health/management/depression/prevalence_global_health_estimates/en/). Acesso em: 22 nov. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems**. 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/l-m/en>. Acesso em: 07 ago. 2020.

ZACHARIAS, R.; *et al.* Avaliação da resiliência em escolares do ensino médio e sua relação com a prevalência de sintomas depressivos e ansiosos. **Debates em Psiquiatria**, v.10, n.4, p.10-21, 2020. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/18>. Acesso em: 22 ago. 2021.